

Telmo Mória

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

**PROPOSTA DE REVISÃO DA “ELEVAÇÃO DE OBJECTO”
NO QUADRO DA TEORIA DA REGÊNCIA E DA LIGAÇÃO**

Esta comunicação tem por objectivo analisar dentro do quadro teórico da Teoria da Regência e da Ligação (TRL) a estrutura sintáctica de construções como a ilustrada na frase seguinte:

(1) Estes livros são difíceis de ler.

Trata-se de uma construção problemática, não havendo consenso entre os vários autores quanto à análise mais adequada da sua estrutura. O problema essencial que se coloca é o de saber qual a relação que existe entre o SN Sujeito da estrutura oracional mais elevada – *estes livros*, em (1) – e o argumento interno do predicado verbal infinitivo (*ler*, em (1)), que aparece sob a forma de uma categoria vazia.

(2) [estes livros] são difíceis de ler []
 └────────── ? ─────────┘

Encontramos na literatura essencialmente duas propostas de análise para este tipo de construções que procuram dar conta da relação acima referida: uma análise de “elevação de objecto” e uma análise de “apagamento de objecto”.

Segundo a primeira análise, os dois elementos em causa estão relacionados por movimento: o SN *estes livros* surge na posição

de SU da frase matriz após ter sido deslocado da posição de OD da frase infinitiva encaixada, onde é gerado em virtude de ser argumento interno do verbo *ler*.

(3) [estes livros]_i são difíceis de ler [v]_i

A frase em causa tem, segundo esta hipótese, uma estrutura subjacente semelhante à da frase seguinte:

(4) É difícil ler estes livros.

Na segunda hipótese de análise, os dois elementos em causa estão associados por uma relação de correferência que não envolve movimento (uma espécie de relação de controlo): o SN *estes livros* – analisado como argumento externo do predicado adjectival *difícil* – é gerado na posição de SU da frase matriz (ou na posição de Sujeito da estrutura oracional reduzida seleccionada pelo verbo copulativo *ser*, se analisarmos este verbo como verbo de elevação), sendo correferente do SN OD da infinitiva (o qual assume a forma de um elemento nulo gerado basicamente):

(5) [estes livros]_i são difíceis de ler [pro]_i

Nesta segunda hipótese, a estrutura subjacente da frase difere substancialmente da resultante da análise anterior, em virtude de haver mais um argumento envolvido na estrutura.

Uma análise do primeiro tipo apresenta diversas vantagens. Para além de haver vários argumentos semânticos e sintácticos que a favorecem (argumentos referidos na literatura e que aqui não

discutirei por uma questão de tempo⁽¹⁾), ela parece corresponder às intuições dos falantes sobre a estrutura da frase.

Nesta comunicação, interessa-me sobretudo defender a análise em questão através de um argumento intra-teorético envolvendo princípios largamente aceites no quadro da TRL. Consideremos, para isso, as frases (1) e (4) acima apresentadas – *estes livros são difíceis de ler* e *é difícil ler estes livros*. Julgo podermos afirmar acerca destas frases que elas são semanticamente equivalentes (no sentido em que envolvem a mesma predicação ou veiculam a mesma informação). Na TRL, podemos captar a equivalência semântica entre duas frases como estas, pelo menos em parte, através da Teoria Temática, designadamente através da noção de atribuição de papéis temáticos. Concretizando: assume-se normalmente que, se duas frases são semanticamente equivalentes, então, por hipótese, estão envolvidos exactamente os mesmos atribuidores e receptores de papéis temáticos, exactamente nas mesmas relações. É esta a ideia básica que BAKER 88 tentou captar através da sua *Uniformity of Theta Assignment Hypothesis* (UTAH). Utilizando os termos do autor, as frases (1) e (4) são “paráfrases temáticas” (“thematic paraphrases”), “in that the same NPs get theta roles from the same predicates” (BAKER 88, p.150). Como tal, e de acordo com um corolário da UTAH, (1) e (4) deverão ter “estruturas-P paralelas” (cf. BAKER 88, p. 148), o que só se verifica se considerarmos que o Sujeito da frase (1) é basicamente gerado na infinitiva encaixada e que, portanto, o

⁽¹⁾ Cf. CASTELEIRO 81 (especialmente pp. 302-303) e a bibliografia aí referida.

predicado adjectival contido em ambas tem o mesmo valor, isto é, é o mesmo – um predicado unário que se combina com um argumento oracional.

Um tratamento deste tipo, em que se considera que as frases (1) e (4) são equivalentes e contêm o mesmo predicado adjectival (o que, como disse, me parece corresponder à nossa percepção mais intuitiva do significado das frases) tem sido difícil de incorporar no quadro da TRL, fundamentalmente porque ele obriga a considerar-se que um SN (*estes livros*, em (1)) é deslocado para a posição de SU de uma frase matriz a partir de uma posição de OD numa frase encaixada. Ora, tal movimento é difícil de integrar numa teoria que faz depender a realização de movimentos sintácticos de fortes condições de localidade. Por outras palavras, a distância que separa as duas posições referidas parece ser demasiado grande para se poder motivar – nesta teoria – a ocorrência de um movimento directo entre elas. Como resultado desta impossibilidade, foi proposto, neste quadro teórico, que frases do tipo das que estamos a considerar têm estruturas-P distintas, sendo a ilustrada em (1) uma espécie de construção de controlo envolvendo “apagamento de objecto”⁽²⁾.

Procurarei demonstrar, em seguida, que é possível atribuir estruturas-P paralelas a estas duas frases e tratá-las, portanto, como “paráfrases temáticas” (o que implica, como já foi dito, relacionar por movimento o OD da frase encaixada e o SU da frase matriz), mesmo dentro do quadro teórico referido, para o que utilizarei essencialmente as hipóteses sobre o

⁽²⁾ Cf. p.ex. MATEUS *et alii* 89, p. 283.

movimento sintáctico apresentadas no artigo de D. Sportiche, de 1989, “Le Mouvement Syntaxique: Contraintes et Paramètres” (SPORTICHE 89). No essencial, considerarei que a estrutura final de frases como (1) – *estes livros são difíceis de ler* – é obtida não mediante um único movimento directo da posição de OD da frase encaixada para SU da frase matriz, mas antes mediante dois movimentos consecutivos – um movimento de tipo passivo do SN no interior da estrutura oracional infinitiva, seguido de um movimento de elevação do SU (passivo) da estrutura infinitiva para SU da frase matriz.

Vejamos em primeiro lugar a motivação sintáctica para a hipótese de que a estrutura infinitiva presente em (1) é uma estrutura de tipo passivo (embora envolvendo uma forma verbal infinitiva e não a forma participial tipicamente passiva). Quatro propriedades sintácticas desta construção constituem argumentos em favor desta hipótese⁽³⁾:

(i) Em primeiro lugar, a construção ilustrada em (1) só é normalmente possível quando o predicador da estrutura infinitiva é um verbo que admite a passiva, isto é, um verbo transitivo directo⁽⁴⁾. Verificamos este facto facilmente, se

⁽³⁾ Estes quatro propriedades foram notadas em CASTELEIRO 81, que, apesar de aceitar a possibilidade de elevação directa da posição de Objecto da infinitiva encaixada, admite que “de um modo geral, [o SN relevante] (...) só é elevado para sujeito do predicado adjectival depois de se tornar sujeito da oração infinitiva, mediante aplicação a esta da Transformação Passiva” (cf. pp. 304-305).

⁽⁴⁾ A Professora Inês Duarte (comunicação pessoal) chamou-me a atenção para o facto de, nalguns contextos, parecer legítima a ocorrência de verbos inacusativos ou construções com *se* anticausativo na estrutura infinitiva desta construção. Observem-se os seguintes exemplos:

compararmos (1) ou (6), abaixo, onde se utilizaram verbos transitivos directos na estrutura infinitiva encaixada, com os dois exemplos agramaticais – (7) e (8) –, em que utilizaram, respectivamente, um verbo intransitivo e um verbo transitivo indirecto:

(6) Estes livros são difíceis de compreender.

(7) *Estes livros são difíceis de flutuar.

(a) Os resultados deste exame estão difíceis de sair.

(b) ??Estes navios são difíceis de se afundar(em) com um ciclone.

Parece-me que esta possibilidade é limitada e está sujeita a restrições inexistentes quando temos presentes verbos transitivos directos. Com efeito, parece-me haver muitos casos em que o uso de verbos inacusativos ou construções com *se* anticausativo na oração infinitiva dá origem a estruturas bastante marginais ou mesmo inaceitáveis. Observem-se, por exemplo, as seguintes frases:

(c) *Os convidados estão difíceis de chegar.

(d) *As pessoas com problemas de tensão são fáceis de desmaiar.

(e) *Os resultados deste exame são difíceis de sair a tempo.

(f) ??Estas portas são fáceis de se abrir(em) com o vento.

(g) ??Estes vidros são fáceis de se quebrar(em) com ruídos estridentes.

Seria necessária uma análise mais demorada, que foge ao âmbito deste trabalho, para detectar as regularidades da ocorrência de verbos inacusativos e construções com *se* anticausativo nestas estruturas. O que me importa neste momento salientar é que, se aceitarmos frases como (a) e (b), teremos de assumir que estamos perante um fenómeno de alargamento da construção a outros predicados, que não só os transitivos directos. Do ponto de vista das hipóteses defendidas nesta comunicação, este alargamento não coloca problemas especiais, visto ele envolver estruturas sintácticas semelhantes à que aqui se adoptou para (1), designadamente estruturas em que há um movimento de SN da posição de Objecto para a posição de Sujeito no interior da infinitiva (nestes casos, movimento inacusativo e não já de tipo passivo).

(8) *Estes livros são difíceis de gostar.

Repare-se, no entanto, que as construções equivalentes a (4) são todas gramaticais:

(9) É difícil compreender estes livros.

(10) É difícil estes livros fluatarem.

(11) É difícil gostar destes livros.

Além de o verbo utilizado na estrutura infinitiva ter de ser transitivo directo, o sujeito da matriz tem de estar relacionado como o argumento interno não preposicionado desse verbo, não podendo, por exemplo, estar relacionado com o seu argumento externo. Observe-se o contraste:

(12) É difícil estas pessoas compreenderem estes livros.

(13) *Estas pessoas são difíceis de compreender(em) estes livros.

(ii) Em segundo lugar, a estrutura existente em (1) não é compatível com um argumento externo realizado na posição de Sujeito, nem mesmo se se utilizar o Infinitivo Flexionado. Esta possibilidade existe, no entanto, se tivermos uma estrutura do tipo de (4). Observem-se os contrastes:

(14) *Estes livros são difíceis de o Luís ler.

(15) *Estes livros são difíceis de os alunos lerem.

(16) É difícil o Luís ler estes livros.

(17) É difícil os alunos lerem estes livros.

(iii) Em terceiro lugar, existe a possibilidade, embora marginal para alguns falantes, de realizar o argumento externo

do predicado verbal da estrutura infinitiva como um Agente da Passiva⁽⁵⁾:

- (18) Estes livros são difíceis de ler por crianças de 10 anos.
- (19) Estes livros são difíceis de ler por qualquer pessoa.
- (20) ??Estes livros são difíceis de ler pelo Paulo.

(iv) Em quarto lugar, a estrutura infinitiva encaixada de (1) está em variação livre com estruturas incontrovertidamente passivas – passivas com o auxiliar *ser*, como em (22), ou com o clítico passivo *se*, como em (23) –, tendo todas elas o mesmo valor semântico. Veja-se:

- (21) Estes livros são difíceis de ler.
- (22) Estes livros são difíceis de ser(em) lidos.
- (23) Estes livros são difíceis de se ler(em).

Creio que as propriedades sintácticas que acabam de ser descritas constituem argumentos suficientes para assumir a hipótese de que a estrutura infinitiva de (1), apesar de não conter um clítico passivo ou uma forma verbal participial, é uma estrutura de tipo passivo⁽⁶⁾. Esta hipótese é fortalecida

⁽⁵⁾ Parece-me que as estruturas resultantes são bastante marginais se o argumento em causa for uma descrição definida.

⁽⁶⁾ Creio ser possível compatibilizar esta análise (uma análise destas estruturas infinitivas como estruturas passivas) com as análises propostas para as passivas no quadro da TRL. Se considerarmos, por exemplo, as propostas de JAEGGLI 86, bastaria assumir que existe, nas construções em análise, um operador nulo em FLEX (AGR de FLEX) que absorve o papel temático atribuído pelo verbo ao seu argumento externo, destematizando a posição de Sujeito, e absorve (dado o seu carácter nominal) o caso acusativo que o verbo atribuiria ao seu Objecto.

ainda pelo facto de existirem na língua portuguesa outras instâncias de construções infinitivas não-clíticas e não-participiais que possuem uma estrutura de tipo semelhante. Vejamos dois exemplos, sublinhados nas frases seguintes⁽⁷⁾.

(24) Os documentos a assinar (pelo ministro)
encontram-se em cima da mesa.

(25) Estes documentos estão/ficaram por assinar.

No que respeita ao movimento de elevação – de Sujeito da estrutura infinitiva para Sujeito da matriz –, assumo que está directamente ligado à presença do verbo copulativo (*ser*), que, na sequência das propostas feitas por outros autores (cf. p.ex. MATOS 85, p. 96), analiso como um verbo de elevação. Esta análise da estrutura como construção de elevação (e não de controlo) tem ainda a vantagem de explicar a possibilidade de o verbo de elevação *parecer*, bem como outros verbos copulativos (verbos de elevação), ocorrer no contexto do verbo copulativo *ser*:

(26) Estes livros parecem difíceis de ler.

(27) Estes problemas ficaram mais difíceis de resolver.

(28) Estes problemas tornaram-se impossíveis de resolver.

(29) A solução está difícil de encontrar.

Dadas as análises propostas, podemos atribuir à frase (4) – *é difícil ler estes livros* – e à frase (1) – *estes livros são*

⁽⁷⁾ As construções em causa são referidas e descritas em PERES & MÓIA, *Questões de Língua Portuguesa* (a publicar), onde, aliás, também é descrita a construção que constitui o tema da presente comunicação.

difíceis de ler –, respectivamente, as seguintes estruturas-P (simplificadas)⁽⁸⁾:

(30) [] é [_{Amax} [_{SFLEX} PRO_{arb} ler este livro] [_{SA} difícil]]

(31) [] é [_{Amax} [_{SFLEX} [] ler este livro] [_{SA} difícil]].

Como se pode ver, estas estruturas apenas se distinguem ao nível da posição de Sujeito do SFLEX encaixado, que, no primeiro caso, é ocupada por um PRO de referência arbitrária e, no segundo, está vazia, em virtude de se tratar de uma estrutura de tipo passivo. Temos, assim, “estruturas-P paralelas” para estas duas “paráfrases temáticas”.

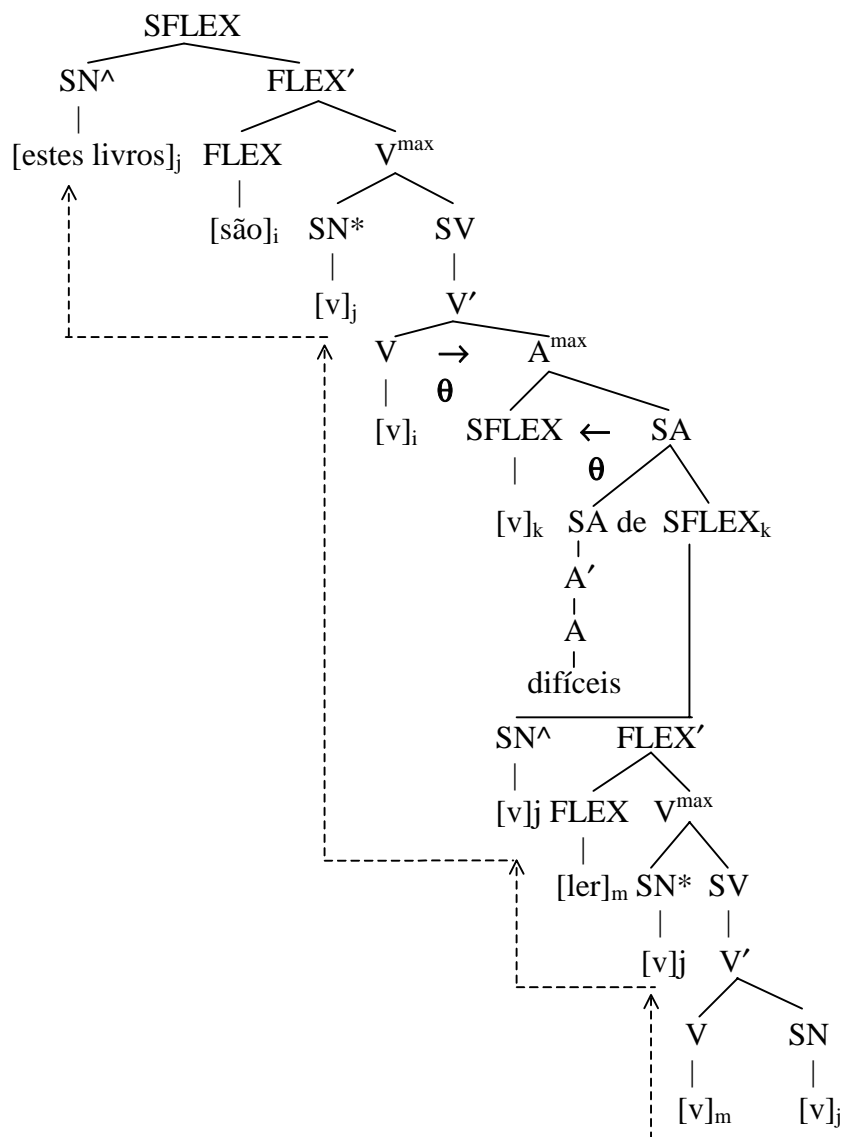
No que respeita à estrutura-S da frase (4) – *é difícil ler este livro* –, creio que temos de considerar, para além da subida do verbo copulativo ser para FLEX, a ocorrência de dois movimentos sintácticos que afectam a oração infinitiva: um movimento de elevação para a posição de Sujeito da matriz (à semelhança, aliás, do que aconteceria na frase mais marcada *ler este livro é difícil*), onde a oração infinitiva recebe caso nominativo; um movimento de extraposição para uma posição A’ no final da frase.

Analisemos, por fim, a estrutura-S da frase (1) – *estes livros são difíceis de ler* –, que, por ser mais problemática, descreverei com maior detalhe, utilizando todas as notações de SPORTICHE 89 para indicar os vários movimentos ocorridos. A estrutura em causa é representada em (32) através de um

⁽⁸⁾ Assumo a hipótese de que as orações completivas de Sujeito (SFLEX ou SCOMP) podem ocorrer na posição de SPEC de X^{max} (hipótese não assumida em SPORTICHE 89).

diagrama em árvore (em que se representou de forma simplificada a subida do verbo copulativo):

(32) Estrutura-S da frase *estes livros são difíceis de ler*:



Como se pode verificar, observando a estrutura que acaba de ser apresentada, pressupõe-se nesta análise que o SN *estes livros* é afectado por quatro movimentos antes de ocupar a posição de Sujeito mais alta. Esses movimentos são os seguintes:

(i) movimento de tipo passivo de SN Objecto para SN* dentro da estrutura infinitiva – decorre do que acima ficou dito sobre o carácter passivo da construção infinitiva;

(ii) movimento de SN* para SN^ dentro da estrutura infinitiva – decorre dos pressupostos da teoria de Sportiche sobre a existência destas posições e sobre o carácter obrigatório da passagem de todos os SN's que aterram em SN^ por SN*;

(iii) movimento de SN^, dentro da oração infinitiva encaixada, para SN* na matriz – trata-se, na verdade, de um verdadeiro movimento de elevação de Sujeito e é, porventura, o mais complexo da estrutura. No sistema de SPORTICHE 89, trata-se de um movimento legítimo (cf. estrutura semelhante em SPORTICHE 89, p. 65, esquema (58)), porque, de acordo com as hipóteses aí assumidas, não existe nenhuma barreira entre as duas posições. Com efeito, neste sistema, as projecções θ -marcadas não constituem barreiras (cf. SPORTICHE 89, p. 44). Ora, as duas projecções que intervêm entre SN^ na encaixada e SN* na matriz – a saber: SFLEX e A^{\max} – são projecções θ -marcadas: SFLEX, argumento externo do adjectivo *difícil*, é θ -marcado por SA; A^{\max} é θ -marcado neste sistema pelo verbo copulativo *ser* (θ -marcação do tipo da efectuada pelo núcleo FLEX);

(iv) por último, há o movimento de SN* para SN^ na matriz, semelhante ao movimento (ii), que ocorreu na encaixada.

Nesta análise, optou-se ainda por considerar que a ocorrência da infinitiva depois do núcleo predicativo adjectival *difíceis* resulta de uma espécie de extraposição da infinitiva (movimento de SFLEX para adjunção à direita de SA) e não de uma deslocação do SA predicativo.

Por último, assume-se ainda a hipótese de que a presença da preposição *de* antes da estrutura infinitiva está associada à legitimação casual do argumento infinitivo, o qual, não podendo receber caso nominativo, visto que não se desloca para a posição de Sujeito da matriz, tem de ser legitimado mediante a inserção de um marcador casual⁽⁹⁾. Esta hipótese permite explicar dois factos concomitantes relacionados com a preposição em causa: em primeiro lugar, o facto de esta preposição não estar presente na construção com completiva de Sujeito (frase (4) – *é difícil ler estes livros*), onde o argumento infinitivo recebe caso nominativo; em segundo lugar, o facto de ela existir em todas as construções em que há elevação do argumento interno da infinitiva para a posição de Sujeito da matriz, quer se trate de uma estrutura de tipo passivo com um infinitivo simples (como em (1)), quer exista uma forma participial ou clítica passiva (como em (22) – *estes*

⁽⁹⁾ O marcador casual *de* é inserido nesta estrutura num contexto em que é m-comandado por uma categoria X⁰ possuidora de caso inerente (o adjectivo *difícil*). Esta análise coloca alguns problemas técnicos, que não irei aqui tentar resolver, se se assumir que a inserção de marcadores casuais requer a existência de c-comando e não apenas de m-comando por parte das categorias possuidoras de caso inerente (note-se que, na estrutura em causa, o nó SA apenas domina A', pelo que A⁰ c-comanda SFLEX, mas que a estrutura é igualmente legítima se estiver presente um Especificador no SA, caso em que A⁰ deixa de c-comandar SFLEX).

livros são difíceis de ser(em) lidos – e (23) – estes livros são difíceis de se ler(em)).

Repare-se que, deste modo, as estruturas de (1) e (4) são explicadas de forma homogénea: por um lado, recorrendo à ideia de que a infinitiva tem de ser legitimada casualmente, o que em (4) dá lugar à sua deslocação para Sujeito e em (1) à inserção do marcador casual *de*; por outro lado, assumindo a existência de extraposição da infinitiva, o que tanto em (1) como em (4) explica a posição final desta estrutura.

Em suma, creio que as propostas deste texto para análise da estrutura da frase (1) – envolvendo um movimento de elevação, em conformidade com as intuições dos falantes e com os factos linguísticos referidos – são compatíveis, como pretendia demonstrar-se, com os princípios teóricos sobre o movimento integrados na TRL.

REFERÊNCIAS

- BAKER, M. C. (1988), *Incorporation*, Univ. of Chicago Press, Chicago.
- CASTELEIRO, J. Malaca (1981), *Sintaxe transformacional do adjetivo – regência de construções completivas*, INIC, Lisboa.
- JAEGGLI, O. (1986), “Passive”, in *Linguistic Inquiry*, 17-4, pp. 587-622.
- MATEUS, M. H., BRITO, A. M., DUARTE, I. e FARIA, I. (1989), *Gramática da Língua Portuguesa*, 2.^a ed. revista e aumentada, Editorial Caminho, Lisboa.
- MATOS, M. G. (1985), *Clítico Verbal Demonstrativo*, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.
- SPORTICHE, D. (1989), “Le Mouvement Syntaxique: Contraintes et Paramètres”, in *Language*, 95, pp.35-80.